



Imagem gerada por IA (*Midjourney*) a partir dos termos: Indigenous contemporary art, exploring the decolonial shift through symbolic abstraction

# READ A POEM FOR GAZA

Ibtisam M. Abujad  [0000-0003-2882-8662](https://orcid.org/0000-0003-2882-8662)

William Rainey Harper College, Palatine, Illinois, United States

Tradução de Bernardo Andrade Antoniazzi Cirino  [0009-0001-5349-0205](https://orcid.org/0009-0001-5349-0205)

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil

## Abstract

"Read a Poem for Gaza" discusses the censorship and silencing of calls for decolonial justice by Palestinian academics and writers at institutions and in public forums following October 7th, 2023. It considers the liberatory impact (and limitations) of poetic and epistemic forms of resistance for displaced Palestinians in the global north who were dispossessed of their lands and homes by Israeli settler-colonial violence funded by U.S. imperial investments, while being privileged in their situation within the global north as mobile American citizens. It asks: What about the silenced voices of those martyred in Gaza? Should we speak for them, how do break barriers to speak alongside them, and do their words deconstruct the temporal and spatial borders of the nation-state to allow us to challenge in our own speech acts the violence of settler-colonialism and the politics and economics of empire?

## LEIA UM POEMA POR GAZA

### Resumo

"Leia um poema por Gaza" discute a censura e o silenciamento de apelos por justiça decolonial por acadêmicos e escritores palestinos em instituições e fóruns públicos após 7 de outubro de 2023. Ele considera o impacto libertador (e as limitações) de formas poéticas e epistêmicas de resistência para palestinos deslocados no norte global que foram desapropriados de suas terras e lares pela violência colonial israelense financiada por investimentos imperiais dos EUA, enquanto eram privilegiados em sua situação dentro do norte global como cidadãos americanos móveis. Ele pergunta: E quanto às vozes silenciadas dos martirizados em Gaza? Devemos falar por eles, como quebrar barreiras para falar ao lado deles, e suas palavras desconstroem as fronteiras temporais e espaciais do estado-nação para nos permitir desafiar em nossos próprios atos de fala a violência do colonialismo de assentamento e a política e economia do império?

Como citar: ABUJAD, Ibtisam M.  
Read a Poem for Gaza. *(des)troços: revista de pensamento radical*, Belo Horizonte, v. 5, n. 2, p. e53971, jul./dez. 2024.



Este trabalho está licenciado sob uma licença *Creative Commons Attribution 4.0*.

## Read a poem for Gaza

---

They told me that I could not read a poem for Gaza,  
so I spoke in my silence  
They told me that I could not complain  
and that it was okay for children to live underneath the rubble  
For grandmothers to pick the threads for their thobes like rice

They told me that I could not read a poem for Gaza, so I spoke  
Without ink and without pages,  
I could envision the uncles tearing up the bread into smaller and smaller pieces  
I saw, with my own eyes, through the screens, screams  
We are a people behind screens,  
A people of rivers, always flowing, always going

They told me that I could not read a poem for Gaza, so I spoke  
From the North to the South and then stopped at Rafah  
They wouldn't let me in even when I tore down the walls  
Cement poured into the cavities of the homes,  
Making them monuments to destruction  
Like destruction, they stay forever  
Scarring the flesh of time

They told me that I could not read a poem for Gaza, so I  
I tear, they tear, the words break  
Incoherent in the midst of sadness  
When one feels that day will not break and mend  
Who will ease the scratching in Dahdouh's throat?  
"Malish"  
Do they think that his child read a poem for Gaza?

They told me I could not read a poem for Gaza, so  
I would tell them that I was angry, that when you mourn,  
We need honeyed words collectively born, they nourish and heal  
But they have always existed, like the sap in the trees, under the surface  
From them hope flows

They told me that I could not read a poem for  
The millions and billions,  
Where are they when they leave the protests and return home?  
Do they gaze into the eyes of loved ones and find themselves absent?  
We look to the most vulnerable for strength,  
When we think that trauma cannot find us  
in the pages of poetry books

They told me that I could not write  
Twenty days I have attempted and the words resisted  
75 years I waited and the words persisted in the raspy voice of my grandmother  
Why did she teach me about the olive oil and the sanasil?  
I would not have known, then,  
the bittersweet of drenched bread

They told me that I could not write  
Signs held high above heads, sighs  
Should we write or is our presence story enough?  
When are people only read in the etching onto pages?  
When are the screams drowned in the water, sanitized?  
In Tabaria when we would go wash our bodies  
On the Palestinian side, only half of it, never whole  
Now not even at all, or will always be, all the same

They told me that I could not write  
I could only speak in closed classrooms, and the words could not ever make it out  
pretending to exist when they are confined from across seas  
In the air, though, the languages become real,  
Like my grandmother's "chafs" that I can still hear  
They exist in us, branching, every inch of land, every olive tree,  
The bombs do not eradicate the connective tissue  
We make leaves into wreaths and place them on children's heads  
We use the leaves to make the dawalee,  
The leaves frail and fall, if we forget  
We do not forget because we exist in them

They told me that I could not  
Live in peace another day when if I sleep, they do not  
What good is the peace offered when, if we translate it from English  
And then give it to the merchants that arrange the meetings  
Then we plaster it on the walls  
It reads "siege"

Let their words speak for themselves, then  
I do not want to read a poem for Gaza  
They have read to us  
Refaat Alareer and Heba Abul-nada, and those poets that taught us to read  
They are the poem for Gaza,  
and it is enough

## Leia um poema por Gaza

---

Disseram-me que eu não poderia ler um poema por Gaza  
então eu falei no meu silêncio  
Disseram-me que eu não poderia reclamar  
e que era aceitável que crianças vivessem debaixo dos escombros  
Que avós colhessem os fios de suas túnicas como se fossem grãos de arroz

Disseram-me que eu não poderia ler um poema por Gaza, então eu falei  
Sem tinta e sem páginas,  
Eu pude visualizar os anciãos partindo o pão em pedaços cada vez menores  
Eu vi, com os meus próprios olhos, através de telas, lamúrios  
Nós somos um povo atrás das telas,  
Um povo de rios, sempre fluindo, sempre partindo

Disseram-me que eu não poderia ler um poema por Gaza, então eu falei  
Do Norte até o Sul e então parei em Rafah  
Eles não me deixaram entrar mesmo quando eu derrubei os muros  
Cimento despejado nos vãos das casas  
Transformando-as em monumentos à destruição  
Como a destruição, elas permanecem para sempre  
Marcando a carne dos tempos

Disseram-me que eu não poderia ler um poema por Gaza, então eu  
Eu sucumbi, eles sucumbiram, as palavras falham  
Incoerentes no meio da tristeza  
Quando se pensa que o dia não vai raiar e acalantar,  
Quem irá amenizar os arranhões na garganta de Dahdouh?  
"Malish"  
Eles pensam que o seu filho lê um poema por Gaza?

Disseram-me que eu não poderia ler um poema por Gaza, então  
Eu disse a eles que eu estava com raiva; que quando estamos de luto,  
Nós precisamos de palavras adoçadas nascidas coletivamente; elas nutrem e curam  
Mas elas sempre existiram, como a seiva das árvores, sob a superfície –  
Delas flui a esperança

Disseram-me que eu não poderia ler um poema pelos  
Milhões e bilhões,  
Onde estão eles depois que deixam os protestos e voltam para casa?  
Será que eles fitam os olhos de suas pessoas amadas e as acham ausentes?  
Nós olhamos para o mais dos vulneráveis em busca de força  
Quando pensamos que o trauma não consegue nos achar  
nas páginas dos livros de poesia

Disseram-me que eu não poderia escrever  
Por vinte dias eu tentei e as palavras resistiram  
Por setenta e cinco anos eu esperei e as palavras persistiram na voz rouca de minha avó.  
Por que ela me ensinou sobre o azeite de oliva e o *sanasil*?  
Eu não teria conhecido, na época,  
o gosto agridoce do pão encharcado

Disseram-me que eu não poderia escrever  
Sinais erguidos sobre as cabeças, suspiros,  
Devemos escrever ou a nossa presença já é história suficiente?  
Quando é que as pessoas são lidas apenas nas marcas deixadas nas páginas?  
Quando é que os gritos são afogados na água, esterelizados?  
No Lago Tabaria, quando íamos lavar nossos corpos,  
Na parte palestina, sempre metade deles, nunca completamente  
Agora nem mesmo nunca, ou talvez será sempre, tudo igual

Disseram-me que eu não poderia escrever  
Eu podia falar somente em salas de aula fechadas, e as palavras jamais poderiam escapar  
Fingindo existirem quando na verdade estão aprisionadas do outro lado do oceano  
No ar, porém, as línguas se tornam reais,  
Como os "*chafs*" da minha avó que ainda consigo ouvir  
Eles existem em nós, ramificando-se, a cada pedaço de terra, a cada oliveira  
As bombas não eliminam o tecido que nos une  
Fazemos das folhas coroas e as colocamos nas cabeças das crianças  
Usamos as folhas para fazer *dawalee*  
As folhas fraquejam e caem, se nos esquecemos  
Nós não esquecemos porque existimos nelas

Disseram-me que eu não poderia  
Viver em paz outro dia quando se eu dormir, eles não dormem  
Que bem faz a paz que eles oferecem, quando, se a traduzimos do inglês,  
E a entregamos para os negociantes que organizam as reuniões,  
E então a colamos nas paredes,  
Se lê "cerco"?

Deixemos as palavras falar por elas próprias, então  
Eu não quero ler um poema por Gaza  
Eles já leram para nós  
Refaat Alareer e Heba Abul-nada, e aqueles poetas que nos ensinaram a ler  
Eles são o poema para Gaza  
E isso basta

## **SOBRE OS AUTORES**

### **Ibtisam M. Abujad**

Ibtisam M. Abujad is assistant professor of English at Harper College. She is a Muslim and Palestinian academic and poet, who conducts research on decoloniality and settler-colonialism, race and gender, American Studies and global politics and economics of empire, and Critical Muslim Studies. <https://www.researchgate.net/profile/Ibtisam-Abujad>.

### **Bernardo Andrade Antoniazzi Cirino**

Bacharelado em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais. Bolsista de iniciação científica com fomento da FAPEMIG. *E-mail:* [bernardo.cirino@gmail.com](mailto:bernardo.cirino@gmail.com).